GAZETA DE ALAGOAS

/Data: 01/02/2014 Página: 4 /5 Editoria: SABER

ENSO

A CIDADE CONTEMPORÂNEA: UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE OS MIRANTES DE MACEIÓ

ANA CLÁUDIA MAGALHÃES
DANIEL VASCONCELOS
FERNANDO GUSTAVO LIMA
FLÁVIA MARROQUIM
ISABELA PASSOS
MARCELLI PAIS
MARCOS SPINASSÉ
TAINÁ MELO
VIVIANE COSTA

A sociedade atual vive um ritmo frenético de movimentos causado pela grande quantidade de informações e mudanças que acontecem dia após dia. A cidade se transforma com muita rapidez, espaços vazios dão lugar a novos edifícios e os antigos vão sendo substituídos por outros, quase sempre maiores e mais modernos.

O espaço público, em toda cidade, compreende-se como um território específico provido de suas próprias marcas e signos de delimitação. O espaço urbano está atravessado por fronteiras que dafinem áreas diferentes, gerando separações e suturas. As fronteiras da cidade põem em dúvida o sentido do espaço público que se pressupõe fisicamente contínuo, social e culturalmente universal. As fronteiras atualizam, expressam e significam diferentes especialidades e temporalidades da cidade. Estas alternâncias e variações determinam não só uma característica do espaço público da cidade contemporânea, como também uma de suas problemáticas mais agudas: a da coexistência, a segregação, a sua interrupção como totalidade sistêmica (ARROYO, 2007).

A cidade contemporânea encontra-se cada vez mais segmentada e fragmentada por fronteiras internas visíveis (muros, cercas, guaritas) e invisíveis (espaços definidos pela classe social). Conforme afirma Augé (2010, p.9), a cidade "é endauxurada de mil maneiras; encontramos aí bairros privados, superprotegidos, e bairros que escapam ao controle da polícia". As fronteiras visíveis se multiplicam nos espaços coletivos de lazer, como: Shopping Centers, clubes, resorts, quadras poliesportivas, etc., e nos próprios espaços de moradia, como os condomínios fechados.

Nesse sentido, cabem as perguntas: os moradores percebem os movimentos da cidade? As demolições e construções são percebidas de que maneira pela população? Os vazios urbanos são vistos apenas como espaços poluídos, que acumulam lixo e atraem marginais? Porque a necessidade de preenchê-los tem se tornado praticamente uma obrigação? Por que o ser humano tem necessidade de 'criar suas próprias fronteiras' dentro da cidade para sentir-se 'responsável' por determinado espaço?

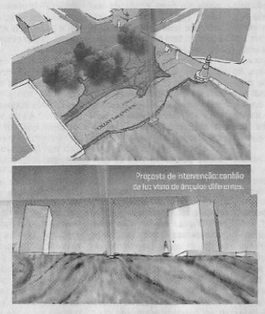
É dentro dessa problemática contemporânea que a disciplina "Atelier Cidades", ministrada pelos professores Maria Angélica da Silva e Leonardo Bittencourt, do curso de Doutoramento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, propôs a seus alunos que o resultado das discussões produzidas em sala tivesse um cunho comunicacional ou interventorista, consolidando a postura reflexiva frente à problemática das cidades. A partir das aulas e leituras, a modernidade e seus desdobramentos no espaço urbano foram postos como problemática a ser explorada.

Assim, como parte de intervenção e discussão, dois mirantes da cidade de Maceió foram selecionados para serem objetos e suportes físico-territoriais do trabalho final da disciplina, mas sob olhares diferenciados: Mirante Santa Terezinha e Mirante de São Gonçalo, no Farol e praça Senador Rui Palmeira, mais conhecido como Mirante da Chã de Bebedouro, no bairro do mesmo nome.

As intervenções nos mirantes tiveram como objetivo principal despertar a atenção da sociedade para a situação dos espaços públicos de Maceió, que expõem problemas da cidade contemporânea como: violência, insegurança, descaso, poluição. Problemas estes que contribuem para a diminuição do seu uso pela população, transformando esses espaços em 'espaços invisíveis' (BAUMAN, 2001) para a maioria dos cidadãos.

MIRANTE DE SÃO GONÇALO

Relacionado à ocupação da parte alta da cidade, localizado nas proximidades de onde existiu um farol desaparecido em 1949, atual ponto de referência urbano, este mirante é muito procurado por maceioenses e visitantes, devido ao panorama paisagístico que oferece, permitindo a visão privilegiada da moderna Maceió. A frequência turística demonstra o desenvolvimento de uma atividade que movimenta a cadeia produtiva da economia alagoana, o turismo. Durante o dia, em todo o ano, recebe vários visitantes, sendo, inclusive, ponto de parada dos city tours dos receptivos turísticos locais.



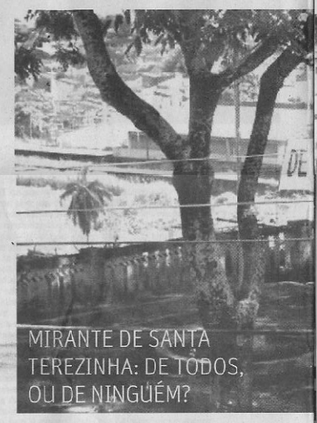
Proposta de intervenção: canhão de luz; viana de angústia diferentes.

Entretanto, constatou-se in loco que ele não oferece uma estrutura adequada aos usuários, em relação a conforto e interatividade com a identidade turística e histórica do lugar. Dessa forma, a proposta de intervenção para o Mirante de São Gonçalo considerou o contexto histórico do Morro do Jacutinga, do antigo farol, marco da engenharia que dominava a paisagem local, e do mirante natural, de onde se pode avistar a cidade.

Dessa forma, a intervenção proposta se qualifica devido à importância histórica, cultural paisagística e turística do mirante na cidade de Maceió. Nesse sentido, propôs-se a requalificação do Mirante de São Gonçalo, enquanto equipamento urbano e de apoio ao turismo, com base na iluminação artificial, através de elementos estéticos que remetam a uma identificação com a cartografia da cidade e o fomento à função de receptivo turístico, também contribuindo para recuperar a memória do primeiro farol construído em Alagoas. Optou-se assim pela luz a ser explorada como um elemento de múltiplas ações e resultados: ilumina facilitando a segurança pública, alegra os ambientes, cria marcos turísticos e divulga ideias e conceitos.

Além desse "monumento de luz", propôs-se melhorias na infraestrutura voltada para os usuários do local, a inserção de uma réplica, em escala menor, do antigo farol e a execução de um novo piso com o desenho do mapa de Maceió indicando os principais pontos turísticos, históricos e culturais.

A recuperação e valorização da história do mirante poderão facilitar a apropriação do espaço e permitir às pessoas sentirem que têm vínculos com o lugar e se identificar com o que está sendo construído ali.



MIRANTE DE SANTA TEREZINHA: DE TODOS, OU DE NINGUÉM?

O Mirante de Santa Terezinha está localizado no bairro do Farol e possui um grande potencial turístico e de lazer, pois permite visualizar grande parte da planície lagunar e do centro histórico de Maceió. Além disso, está situado em frente à Igreja Santa Terezinha e próximo a centros de estudos (colégios, faculdades e faculdades) que aglomeram um grande número de pessoas. No entanto, a utilização desse espaço público tem sido bastante limitada devido à violência urbana e à falta de manutenção por parte da administração municipal.

A intervenção proposta deverá remeter à questão dos muros e cercas, que cada vez mais isolam os espaços urbanos de encontro (espaços públicos, espaços coletivos), como uma referência tanto aos conjuntos residenciais fechados, quanto às novas centralidades vigiadas (shoppings, supermercados, galerias [illegible] sorts). Desse modo, chegou-se à ideia de dificultar o acesso ao mirante, utilizando-se de uma fita zebrada, e estimular a reflexão sobre a propriedade do espaço (que se encontra abandonado, descuidado), por meio de uma faixa contendo: "De todos ou de ninguém?".

O título da intervenção "De todos ou de ninguém?" busca uma reflexão sobre o abandono daquele espaço público que deveria ser usufruído por todos, mas de cuja manutenção ninguém se responsabiliza. Ao mesmo tempo, o título remete ao aumento do número de espaços coletivos privados que assumem as funções de lazer e convívio social dos espaços públicos urbanos, fazendo com que estes últimos sejam cada vez menos utilizados.

A intervenção procurou registrar as reações das pessoas diante da faixa e da possibilidade de instalação de 'algo' no mirante (a 'privatização' foi a estratégia adotada pela equipe para iniciar contato com os observadores). As reações diversificaram-se dependendo das ligações afetivas e de identidade que os indivíduos mantêm com o espaço, ou seja, dependendo de como era o sentimento daquele indivíduo de usufruir daquele espaço e/ou pertencer àquele território (mirante).

A interveração possibilitou perceber a reação das pessoas quando a dinâmica rotineira do espaço urbano é alterada, destacando-se:

1)- Indiferença – não perceberam a intervenção ou não se importaram com ela - a grande maioria;

2)- Indignação e incômodo – não gostaram da 'privatização' do espaço e possivelmente não gostariam de melhorias, que atrairiam um uso maior. Sentiram-se incomodadas com nossa presença, sobretudo, com a filmagem da intervenção – poucas pessoas;

3)- Curiosidade sem questionamento – a pé ou nos carros, demonstravam curiosos a intervenção, mas nada questionavam;

4)- Curiosidade com questionamento/ Reflexão – observadores que passam para questionar e refletir sobre a intervenção.

Estas últimas reações possibilitaram identificar os maiores problemas no Mirante, afastando o uso do espaço durante o dia e, sobretudo, à noite. As reclamações se devem à insegurança (roubos e violência), lixo acumulado, ausência de um jardim cuidado, de iluminação noturna e de fiscalização, descaso do poder público, entre outras.

Os depoimentos demonstraram que a instalação de 'algo' no mirante era tem vinda do ponto de vista da segurança; no entanto, ao interferir na contemplação, a insatisfação predominava e havia reação à perda da vista da paisagem lagunar e da parte baixa de Maceió, além da eliminação do registro físico de parte da história da cidade.

Intervenção montada no Mirante Santa Terezinha: faixa 'De todos ou de ninguém?' e fita zebrada por todo perímetro.

MIRANTE DA CHÃ DE BEBEDOURO: E SE...?

Inserido em um bairro ligado ao princípio da formação da cidade, onde atualmente se concentra uma população de baixa renda, o Mirante da Chã de Bebedouro se destaca no espaço urbano como um local especial, ao possibilitar a constatação visual privilegiada de elementos marcantes de Maceió: a topografia enriquecida por uma série de planos e a paisagem deslumbrante de uma borda recortada por águas.

O mirante hoje se afirma como lugar de expressão de questões que estão inscritas no cotidiano dos usuários, afetando as pessoas, o bairro, a cidade, e são representativas de uma comunidade que se equilibra entre o provinciano e o moderno.

Pesquisas de campo permitiram a equipe ter conhecimento da problemática do lugar e as insatisfações dos usuários e, por isso, optou-se pela realização de uma ação que provocasse um posicionamento diante da possibilidade de uma intervenção física drástica na área, onde o novo estava atrelado à perda.

Para isso, foram elaborados e confeccionados folders contendo imagens que apresentavam uma proposta de construção de um shopping vertical, o Mirante Shopping, em pleno espaço do mirante.

A justificativa para um empreendimento comercial desse porte se deveu ao fato de acreditarmos que, para significativa parte da sociedade atual, é melhor frequentar paraísos de compras, os shopping centers, do que passar um belo domingo de sol em parques e praças públicas. Ela vê nesses templos do consumo, um sinal de status e poder, ceado que o simples acesso a tais locais lhe assegura ascender social e economicamente. Portanto, uma proposta desse tipo, meramente mercadológica, surge como resposta para todas as mazelas sociais. Por outro lado, a ele estaria atrelado a garantia de iluminação, de segurança, de ocupação do vazio "perigoso" (BAUMAN, 2001 p. 116).

A abordagem aos usuários se fez de modo tranquilo. As pessoas não ofereceram resistência em opinar, serem fotografadas e filmadas. A ação foi dividida em 3 momentos:

1 . Preparação da ação e material a ser usado;

2 . Execução da ação;

3 . Registro e acompanhamento da ação.

A equipe também quis ouvir a opinião daqueles que possuem o conhecimento técnico, porém geralmente não conhecem o mirante presencialmente. Para isso, foi confeccionada uma espécie de "visor", onde se visualizava imagens do lugar hoje sendo, também, apresentado o folder com a proposta como se ela fosse ser de fato, executada.

As opiniões se dividiram entre aceitar com prazer, considerando o shopping como uma resposta à falta de infraestrutura do bairro, ou, entretanto, afirmar que acham o shopping uma boa opção, mas não no mirante, pois preferem manter a precisão e a contemplação da paisagem.

Foram entrevistadas cerca de 20 pessoas e o resultado das opiniões foi equilibrado. Ao final, foram obtidos oito depoimentos contra a construção de empreendimento, com justificativas como ali sendo a única área de lazer e beleza do bairro. A favor, foram sete apreciações, onde as pessoas afirmavam que seria uma ótima opção para sanar o problema da violência e o abandono do poder público.

A opinião técnica (5 profissionais da área de arquitetura e urbanismo) foi enfática ao afirmar que não se deve utilizar uma área de mirante para a construção de qualquer tipo de empreendimento, mas apenas um deles citou que a área é protegida pelo Código de Edificações e Urbanismo da cidade de Maceió, como área de Preservação Ambiental.

O cotidiano do Mirante da Chã de Bebedouro: encontro e contemplação; Intervenção: equipe pesquisa opinião sobre instalação do shopping no local

CONCLUSÃO

As intervenções realizadas permitiram nos despertar a atenção das pessoas para a situação dos espaços de uso público na cidade de Maceió, e ao mesmo tempo, proporcionar reflexões sobre os mirantes.

A maioria das pessoas demonstrou ter consciência dos problemas que lhes afetam; são capazes de visualizá-los e discuti-los; observam os movimentos da cidade, sim, mas não [illegible]. Mas, não parecem ser capazes de, como definiu Zygmunt Bauman, sair da esfera do individual e pensar coletivamente. Isso foi percebido claramente através dos comportamentos e das respostas das pessoas diante as ações nos três mirantes: à respeito da privatização (sentimento de propriedade) e da possibilidade de mudança (surgimento de novas centralidades mercadológicas) em espaços públicos abandonados.

Milton Santos (1988), em seu livro Metamorfose do Espaço Habitado esclarece o que poderia ter ocorrido na reação das pessoas durante as intervenções independentemente da ligação afetiva e sentimento de pertencimento com o espaço:

A chegada de novo causa um choque. Quando uma variável se introduz num lugar, ela muda as relações preexistentes e estabelecem outras. Todo o lugar muda (SANTOS, 1988, p. 99).

Alguns autores, a exemplo de Georg Simmel (1858-1918), mais recentemente Scocuglia (2011), justificam as reações da maioria das pessoas nas cidades contemporâneas – essa indefesa individualização e a indiferença - como produção às transformações ininterruptas do ambiente urbano (considerando-se os novos espaços de comunicação, fragmentação, (des)territorialização e outras dimensões sociocultural).

O citadino é submetido a múltiplos choques cos quais ele tenta se proteger, embora mociflquem profundamente seu psiquismo e seu aparelho sensitivo. Segue-se uma propensão à individualização, à intelectualização, ao cálculo, à indiferença e à racionalização das relações sociais que analisa como uma "proteção subjetiva contra as ameaças constantes e as discrepâncias do ambiente externo" na metrópole (SIMMEL, 2000 apud SOCOCUGLIA, 2011, p. 399).

ARROYO, Julio. Bordas e espaço público. Fronteiras internas na cidade contemporânea. In: Vitruvius, ano 7, fev 2007. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/259 Acesso: ago.2013

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: EDUFAL, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SOCOCUGLIA, Jonarka B. Cavalcanti. Cultura e sociabilidade: da metrópole de Simmel à cidade fragmentada e desterritorializada. In: Cadernos Metrópole, São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 395-417, jul/dez 2011. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14760 Acesso: ago.2013.

AsCom
Assessoria de Comunicação - UFAL